

○ ativismo digital

reflexões e apontamentos semióticos

patricia margarida farias coelho

TIDD - PUC-SP

Pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação Tecnologias da Inteligência e Design Digital da Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC-SP), São Paulo-SP, Brasil. Bolsista FAPESP.

contato: patriciafariascoelho@gmail.com

marcos rogerio martins costa

(FFLCH-USP)

Mestrando do Programa de Pós-Graduação Semiótica e Linguística Geral da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), São Paulo-SP, Brasil. Bolsista CNPq.

contato: marcosrmcosta15@gmail.com



RESUMO

Nos anos de 1990, a internet começou a ser comercializada e a se expandir para novas comunidades. Nesse mesmo período, o ativismo digital também se propagava a novos grupos sociais, possibilitando a difusão de informações a um maior número de pessoas (Sebastião, 2012). Assim sendo, houve uma globalização das informações, o que acarretou distintas transformações nas relações comunicacionais, por exemplo, o uso do e-mail em relação à carta, a inserção da mobilidade digital por meio de dispositivos portáteis, etc. Observando esses fenômenos, esta investigação propõe realizar um estudo de caso de uma página digital de um evento em que se interagia sobre a temática do ativismo; essa página pertence ao site brasileiro Conexões globais 2.0. Destacamos que esse evento fomentou um grande número de participantes em um curto lapso temporal, o que evidencia a potencialidade do espaço digital para o desenvolvimento do ativismo. Para realizar este estudo, utilizamos o arcabouço teórico da semiótica de linha francesa (Greimas; Courtés, 2008) pois esta nos possibilita investigar as estratégias discursivas que subjazem à superfície do texto. A partir dessa base teórica foi possível compreender que a internet, como espaço de interação, fornece as condições necessárias para que o ativismo se relacione com o contexto sociocultural e histórico de nossa contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE

Ativismo digital. Linguagem. Movimento social. Semiótica discursiva. Internet. Comunicação.

ABSTRACT

In the 1990's, Internet began to be marketed and to expand into new communities. In the same period, digital activism also propagated to new social groups, allowing the dissemination of information to a greater number of people (Sebastião, 2012). Thus, there was a globalization of information, leading to distinct changes in communicational relations, for example, the use of e-mail in relation to the letter, the insertion of digital mobility by means of portable devices, etc. Observing these phenomena, this research proposes to conduct a case study of a digital page of an event in which participants interacted on the theme of activism; this page belongs to the Brazilian site Conexões Globais 2.0. We emphasize that this event has promoted a large number of participants in a short time span, which shows the potential of the digital space for the development of activism. To conduct this study, we used the theoretical framework of French semiotics (Greimas; Courtes, 2008), because that enables us to investigate the discursive strategies underlying the surface of the text. From this theoretical basis it was possible to understand that internet as a space for interaction, which provides the necessary conditions for that activism, relates to the socio-cultural and history context of our times.

KEYWORDS

Digital Activism. Language. Social movement. Discursive Semiotics. Internet. Communication.



Introdução

“Estou conectado, logo existo.”

Kenneth Gergen

Como no universo das ciências o aparato conceptual atua como suporte da informação veiculada, ressaltamos que o conceito de *ativismo digital* não se encontra ainda definido como um conceito único para todas as áreas das tecnologias de informação e da comunicação. Dessa forma, neste estudo compreendemos *ativismo digital* como um fenômeno que surgiu a partir das transformações tecnológicas de informação e comunicação, as quais possibilitam o diálogo entre os cidadãos e os auxiliam na organização de eventos e fóruns em prol de causas determinadas, de acordo com Moraes (2012). Portanto, durante toda a nossa discussão, será a essa concepção de ativismo digital que estaremos nos referindo.

Ancorados em Castells (2003, p.7), pontuamos ainda que “a internet é o tecido das nossas vidas”, porque estamos, a todo instante, imersos em uma virtualidade não presencial, isto é, estamos em rede por diversos e distintos aparatos tecnológicos graças à evolução da web 2.0

O ativismo digital é uma proposta que surgiu como desdobramento desse contexto cibernético. Com a internet e os novos meios digitais, houve uma maior amplitude dos processos linguísticos e das estratégias discursivas, conforme Santaella (2010; 2007; 2004) e Coelho (2012). Temos, portanto, um respaldo teórico e prático que valida o interesse temático de nossa pesquisa. Sendo assim, neste estudo, faremos algumas reflexões e observações semióticas acerca do cenário do ativismo brasileiro relacionado às novas mídias digitais e ao desenvolvimento da linguagem nos meios sociais, em especial nas redes sociais digitais.

Sobre a historicidade que permeia a nossa temática, destacamos que, de acordo com Scholz (2010), embora o ativismo digital já existisse em meados de 1990 – quando a internet começava a ser comercializada –, ele não era amplamente divulgado. Entretanto, com a chegada do século XXI, paulatinamente as ações coletivas começaram a serem compartilhadas no universo digital.

Segundo Rheingold (1996), atividades pioneiras como a de David Hughes, que divulgava a evolução dos computadores e da web de modo itinerante, foram fundamentais para o desenvolvimento digital, uma vez que tal esforço individual gerava um número cada vez maior de interações entre comunidades diversas – apesar do ceticismo que envolvia essa prática.

Na atualidade, se evidencia um panorama completamente diferente posto que há:

[...] uma rede cerrada de relações, em que nenhuma delas é ‘causa’ das demais, mas todas se configuram como ‘adjacências históricas’ fortemente articuladas, que expressam e simultaneamente produzem mutações nos modos de se perceber, conceber e habitar o tempo. (Ferraz, 2005, p.52)

Evidencia-se, assim, que as relações comunicacionais mudaram. Houve a criação de veículos midiáticos mais interativos, sua difusão e também a recepção dessas plataformas por um maior número de pessoas, graças ao crescimento da renda devido ao desenvolvimento da classe média, principalmente na sociedade brasileira, contexto privilegiado neste estudo.

O surgimento de novas possibilidades comunicacionais permitiu a proliferação do ativismo através da internet. *Indymedia* é um exemplo disso; ela é uma rede internacional formada por produtores de informação de caráter social. Além dela, há outras que foram criadas para serem um espaço para o debate digital, como a *RiseUp*.

Ressaltamos que o ativismo da era digital ganhou maior visibilidade, adesão e participação de um público que, a princípio, não se envolvia com o ideário do ativismo. Notamos esse crescimento com o número de *tweets*, *retweets*, *likes*, *posts* nas mais variadas redes sociais. Aparecem, a todo instante, agentes multiplicadores que com um clique podem informar, responder, reclamar, denunciar, etc. as ideias dos diversos movimentos sociais em desenvolvimento.

Assim sendo, o que mudou em nosso cotidiano digital foi a ampliação do conceito de interação. Hoje, vivemos a todo instante interagindo *entre* e *com* diversas mídias. Por exemplo, um jovem no *shopping* pode estar sentado com um celular e com este simples dispositivo móvel estar acessando a internet (e-mail, redes sociais, visita a sites, etc.), ouvindo música, jogando, mandando ou recebendo um SMS, realizando uma ligação telefônica, buscando um endereço no GPS, etc. No entanto,

ressaltamos que essas ações podem ser realizadas sequencialmente ou simultaneamente.

Portanto, como afirma Santaella (2010; 2007), no universo das mídias, temos o poder da ubiquidade, uma vez que estamos presentes em distintas plataformas ao mesmo tempo. A autora (2010: 17) explica que “a ubiqüidade destaca a coincidência entre deslocamento e comunicação, pois o usuário comunica-se durante o seu deslocamento” (SANTAEILLA, 2010: 17). Dessa forma, a interação entre as mídias concretizou esse dom da ubiquidade para os usuários das redes móveis, principalmente da Web 2.0.

Constatamos, assim, que as transformações digitais permitiram que aparecessem outras formas de interação, reflexão e debate a partir do espaço virtual. Dessa forma, o ativismo teve condições de sair de uma *rede de bairro* (como no caso de David Hughes) para uma *geração das mídias sociais* (como estamos vivenciando), na qual a tecnologia e a interação permitem que os movimentos sociais alcancem maior visibilidade e participação. Isso porque o ciberespaço atribui voz a um número maior de internautas-cidadãos que colaboram e interagem entre si.

Apresentado esse panorama, temos como objetivo neste artigo discutir a transformação das relações comunicacionais a partir do estudo de uma página digital

de um evento no qual se propunha discutir e refletir sobre o desenvolvimento do ativismo no Brasil. Assim, para a realização de uma análise semiótica, utilizamos como *corpus* a *homepage* do *website* Conexões globais 2.0 (<<http://conexoesglobais.com.br/>>) acessada no dia 27/09/2013.

A escolha desse material ocorreu porque ele constitui um exemplo factual da potencialidade do universo digital para a difusão e participação de um evento sobre o ativismo a partir das redes sociais. Além disso, ressaltamos que esse *site* incentiva inúmeras ações coletivas a partir da interação internauta-cidadão. Especificamos que, embora todo o *site* seja um rico campo de estudo, este artigo se restringe a reflexões e apontamentos semióticos sobre a página principal do evento divulgada na data supracitada. Assim sendo, não será realizado um estudo comparativo com outros fóruns sobre ativismo digital, pesquisa essa que deixaremos para futuras publicações.

Como arcabouço teórico para este estudo, apoiamo-nos nos pressupostos teóricos da semiótica de linha francesa, principalmente nos postulados de Greimas e Courtés (2008), visto que perscrutamos o percurso gerativo do sentido, que concebe o plano do conteúdo tripartido em nível profundo, narrativo e discursivo.

Buscamos, assim, compreender como as relações comunicacionais se estabelecem para afirmar e propagar os valores do ativismo na *homepage* citada por meio do estudo de suas estratégias discursivas subjacentes à superfície do texto.

Salientamos ainda que, para a semiótica discursiva, uma imagem é também um texto. Logo, um material constituído por linguagens verbais e não-verbais (e.g. linguagem sonora, linguagem visual, etc.) compõem um único enunciado de sentido – embora possa ter diversos efeitos de sentido – , ao qual os semioticistas nomeiam *texto sincrético* – termo que acolhemos neste estudo. Explicada a nossa orientação teórica, avancemos para o próximo tópico.

O ativismo na Era das novas mídias

Com a tomada de consciência sobre a importância da internet para a propagação das reivindicações comunitárias, os ativistas compreenderam o potencial das novas mídias, por isso, acolheram-nas, uma vez que o não uso desses recursos retardaria o progresso de suas atividades reivindicatórias e acarretaria seu isolamento digital (SEBASTIÃO, 2012). Portanto, eles foram buscar novos modelos de trocas comunicacionais e de produção

de informação a fim de conscientizar o homem de sua cidadania.

O ciberespaço possui grandes potencialidades para o ativismo, uma vez que pode acolher em seu seio inúmeras vozes e grupos identificados com causas e comprometimentos diversos (SEBASTIÃO, 2012). Isso porque, no universo digital, temos um conceito quase pleno de democracia, pois as vozes se somam e se misturam. Ressaltamos que, embora haja o mau uso e a subversão de valores em alguns casos, a internet se mostra até hoje a ferramenta interativa mais acolhedora que a humanidade já criou, visto que no ciberespaço podemos manifestar nossas aspirações, opiniões, *achismos*, doutrinas, etc. Tem-se um espaço de reflexão e informação que interage e acolhe o homem moderno.

Como se observa, o universo digital, por meio de suas ferramentas integrativas e interativas, constitui uma plataforma indispensável para o ativismo no século XXI. A internet contribui para dinamizar as lutas das entidades civis, uma vez que expande o escopo do debate, possibilitando o maior número de debatedores, bem como melhorando a qualidade da discussão, que ganha uma nova personalidade através do tratamento verbo-visual construído pelos meios digitais, como por exemplo, na constituição personalizada das redes sociais do Facebook, do Twitter, do Instagram, etc.

As discussões que o ativismo divulga são de extrema importância para a manutenção e consolidação dos direitos e deveres do cidadão. Devido a essa importância, quanto maior o contingente de debatedores, maior será a diversidade de opiniões, o que nos salvaguarda do monologismo de um discurso autoritário (FIORIN, 2004). Por isso, as mídias digitais são suportes indispensáveis para a difusão dos debates e das interações sociais, de acordo com Santaella (2010) e Coelho (2012).

Assim sendo, o ativismo digital permite congrega interesses e necessidades concretas ou simbólicas, promovendo ações em favor da cidadania para um maior número de indivíduos. Daí a sua relevância para o desenvolvimento social de forma consciente e organizada, na maioria dos casos, visto que quando informamos estamos ampliando a percepção de nossos interlocutores e, quando isso se realiza em um meio digital, torna-se formatado em uma estrutura orgânica e integrativa, de forma geral.

Além disso, atualmente, problemas como conflitos, negociações e encaminhamentos podem ganhar proporções inesperadas - até mundiais -, solicitando, assim, respostas de igual amplitude. Por exemplo, como aconteceu, no segundo semestre de 2013, com o uso das redes sociais para a divulgação e adesão dos participantes das redes às manifestações contrárias ao aumento da

tarifa do transporte público nas grandes capitais do Brasil. Desse modo, devem-se articular ações e propostas em uma velocidade e dimensão compatíveis com as sucessivas demandas de nossa contemporaneidade. Para isso (e por isso também), os meios digitais são ferramentas imprescindíveis para o ativismo.

Explorando as mídias digitais

Como visto, as atividades sociais devem ser discutidas incorporando em suas diretrizes as outras possibilidades de mobilização social trazidas pela internet. Compreendendo os ganhos nas relações comunicacionais advindos com a era das mídias digitais, o evento selecionado foi criado para promover diálogos sobre temas como mobilização social na era da internet, comunicação, democracia 2.0, direitos civis na rede, cultura digital, etc. O evento foi realizado de 23 a 25 de maio de 2013, na Casa de Cultura Mario Quintana, em Porto Alegre-RS, pelo Governo do Rio Grande do Sul, e reuniu ativistas, gestores públicos, artistas e comunicadores de diversas partes do Brasil e do mundo, com participação presencial e *online*.

A amplitude do evento alcançou números impressionantes se levarmos em conta o curto período de

realização do mesmo. Durante sua concretização, todas as participações foram veiculadas ao vivo e via internet, tendo com isso mais de 100 mil acessos *online*, enquanto que pessoalmente mais de 10 mil pessoas visitaram o local do evento. Portanto, por meio do uso das redes sociais, a audiência do evento aumentou em mais de 900%.

Esses dados evidenciam a grande participação do público através da plataforma midiática, o que constata a eficácia de outra forma de participação: o acesso *online*. Nessa outra forma de presença, as pessoas participam ativamente de distintas atividades sociais, criadas por meio das ferramentas e das plataformas que surgiram a partir da evolução da internet. Por conseguinte, observa-se que os avanços tecnológicos potencializam a forma de presença de seus usuários permitindo que eles interajam mais, o que pode levar a uma maior reflexão sobre a cidadania.

Tendo isso em mente, o evento, - *Conexões globais 2.0*, apresentou uma estrutura organizacional que explora as potencialidades dessas novas mídias digitais. Adentrando ao *corpus* selecionado, na *homepage* oficial do evento (www.conexoesglobais.com.br), há, no lado esquerdo da tela, os *links* de outras plataformas, com as quais o evento dialoga, dentre as

quais se ressalta: Facebook, Twitter, Youtube, Flickr e RSS. Como se pode observar na Figura 1:



FIGURA 1 - *Homepage* do evento *Conexões Globais 2.0*. Disponível em: www.conexoesglobais.com.br. Acesso: 27 de setembro de 2013

Além de a transmissão ser ao vivo pela internet, o evento contou com uma produção de vídeos peculiar: toda a comunicação de *Conexões Globais 2.0* foi colaborativa, isto é, foi produzida pelos próprios participantes. Isso mostra que a mesma interatividade em ato presente na plataforma digital foi transportada para a captação e produção dos vídeos. Tal ação do evento foi decisiva para

o grande contingente de acessos *online* que, como já evidenciamos, foi maior que o presencial físico.

Assim sendo, o formato inovador de *Conexões Globais 2.0* conquistou o público tanto nas redes sociais quanto fora delas, pois houve uma interação entre os usuários das mídias e os participantes do evento, o que foi fundamental para o sucesso deste e para a divulgação de seu temário ativista.

O fórum de discussões alcançou grande visibilidade midiática, porque rompeu com a estrutura física do evento; em lugar de se restringir às tradicionais mesas de debate com hierarquia e distanciamento entre conferencista e ouvinte, o evento criou um ambiente mais democrático e descentralizado ao dialogar por meio das mídias digitais. Isso porque o ciberespaço se destaca como o lugar onde a liberdade de expressão pode e obtém seu apogeu (SANTAELLA, 2004).

Essa integração entre comunidade e mídia tem, em seu cerne, um comprometimento social que endossa a proposta da Declaração Universal dos Direitos do Homem (1948) que, em seu artigo XIX, diz que:

Todo homem tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferências, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras.

Como observamos, esse é um direito universal que se manifesta mais concretamente no universo digital, posto que a necessidade da comunicação humana induz o homem a difundir ideias e opiniões: primeiro, de modo direto, mediante a utilização de recursos primários, depois, com o advento gradativo da técnica, por meio de todos os instrumentos postos a seu dispor – aí se incluem os meios digitais.

Com efeito, o que se nota com o caso do evento *Conexões Globais 2.0* é que as redes sociais permitiram que um maior número de participantes e debatedores pudessem se expressar e se envolver com os temas e as discussões do fórum, fato que confirma nossas afirmações anteriores. Portanto, como verificamos, as novas possibilidades de interação e de diálogo desenvolvidas a partir da evolução das tecnologias digitais criaram novas competências no homem moderno (SANTAELLA, 2010; 2007). O homem, como cidadão, não foge desse contexto – nem deve fazê-lo –, por isso o caso em estudo confirma a necessidade e a potencialidade desse encontro entre o cidadão e o internauta.

Uma leitura semiótica da *homepage* de *Conexões Globais 2.0*

Explicitamos que utilizamos os pressupostos teóricos da semiótica de linha francesa, principalmente os postulados de Greimas e Courtés (2008). Realizamos, assim, uma leitura semiótica da *homepage* do evento Conexões Globais 2.0. Este estudo semiótico pretende compreender o percurso gerativo de sentido arquitetado pelo destinador do site para manipular o destinatário-internauta-cidadão a *fazer-fazer*: participar ativamente das ações sociais divulgadas pelo evento.

A semiótica greimasiana nos interessa nesta pesquisa porque ela busca compreender as estruturas significantes que modelam as estratégias discursivas que subjazem à superfície do texto, aplicando-se aos mais diversos *corpus* como: literatura, artes, mídia, publicidade, arquitetura, urbanismo, música, *games* entre outras possíveis expressões (SANTAELLA, 1983). Portanto, a semiótica é uma teoria da relação sob os signos e entre os signos, que está preocupada em analisar os mecanismos de produção de sentido (COELHO, 2010). Ela foi desenvolvida a partir das bases teóricas de Saussure (2007), Hjelmslev (1961), Benveniste (1974; 1966) e Greimas e Courtés (2008).

Assim sendo, conforme nos explica Coelho (2010), por ser a semiótica uma teoria que se preocupa com a natureza de cada tipo de texto e as suas características, esta analisa diferentes planos da expressão, sejam eles verbais, não-verbais ou sincréticos - isto é, mais de um tipo de linguagem, formando assim uma única enunciação (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 218), sendo portanto pertinente em nosso estudo.

Para que nesta análise da página em destaque encontrássemos elementos que pudessem alicerçar uma esquematização discursiva que aspirasse à generalidade, optamos por um recorte do *corpus* que apontasse para seus diálogos e interações – o que define o nosso estudo como reflexões e apontamentos sobre o material e não uma análise exaustiva. Nessa etapa de nossa análise, ponderamos, de um lado, as exigências da teoria e da metalinguagem semiótica que nos levam à generalidade e, de outro, os fatos linguísticos e estilísticos que tencionam em favor da particularidade do texto, no caso um texto midiático e sincrético.

O projeto semiótico prevê que a enunciação carrega em si uma semiose, ou seja, é a partir dessa semiose que a semiótica do discurso deve trata-lo (HJELSMLEV, 1961). Sendo assim, nossa análise detém-se na égide do percurso gerativo do sentido, como proposto por Greimas

e Courtés (2008), buscando com isso perscrutar os três níveis desse percurso: o fundamental, o narrativo e o discursivo – indo do mais simples e abstrato até o mais complexo e concreto.

Explicando cada nível: o nível fundamental é o ponto de partida da geração do discurso e nele determinam-se a oposição mínima de sentido do qual o discurso se constrói (BARROS, 2002). Essa categoria semântica mínima converte-se em estruturas narrativas e essas em estruturas discursivas. Desse modo, ao observar a Figura 1, verifica-se que a oposição mínima formada pelos termos contrários é coletivo vs. particular, posto que os objetivos do evento, de forma geral, são: integrar, fazer interagir e debater distintas comunidades (de todo o Brasil). Assim, manifesta-se o coletivo; já, o seu revés, o particular é camuflado pelos mecanismos de manipulação do destinador-manipulador, organizadores do evento e participantes deste, que almejam unir forças, ideais e ações para que haja um movimento coletivo em detrimento de um particular, ou seja, para que haja uma ação feita por todos e para todos. Isso pode ser constatado pela posição estratégica da foto de um grupo de pessoas dispostas em semicírculo no centro da tela, local privilegiado pela direção de nosso olhar. Logo, o termo coletivo está euforizado (positivo) e o termo particular encontra-se disfóricado (negativo).

Partindo para a estrutura narrativa, segundo Greimas e Courtés (2008), este nível trata das oposições semânticas do nível fundamental como valores que são assumidos e que circulam entre os sujeitos. Nele simula-se o fazer do homem que age e transforma o mundo, e as relações contratuais que se estabelecem entre o homem e seus objetos de valor. O nível narrativo estuda as transformações de estados, operadas, por um sujeito em busca de valores e as relações contratuais. A sintaxe narrativa se organiza em três percursos: manipulação, ação e sanção. Já a semântica narrativa aponta para os valores inscritos nos objetos e a modalização desses valores e dos sujeitos que com eles se relacionam.

Dessa forma, nesse nível, observamos que o destinatário-internauta-cidadão é manipulado pelo destinador-manipulador-coletivo (organizadores do evento e líderes do ativismo) para entrar em conjunção com um objeto de valor (Ov): *fazer parte de um grupo*. Esse é compatível com o eixo do coletivo, que, como observamos no nível fundamental, encontra-se euforizado. Assim sendo, quando o sujeito-internauta-cidadão passa a participar ativamente do evento e das discussões deste, sua ação é sancionada positivamente pelo destinatário-julgador-coletivo (organizadores do evento e líderes do ativismo), que lhe concede o Ov. Por conseguinte, tem-se uma narrativa de busca, no qual o destinatário-sujeito

é impelido a conquistar o Ov e, para isso, ele tem que participar das atividades promovidas pelo evento.

O próximo nível é o discursivo, que está mais próximo da manifestação textual. Nele a narrativa transforma-se em discurso, e podemos analisar as relações entre enunciação e discurso, e a tematização e figurativização dos valores (FIORIN, 2009). De acordo com Barros, “a tematização é o procedimento semântico do discurso que consiste na formulação abstrata dos valores narrativos e na sua disseminação em percursos, por meio da recorrência de traços semânticos” (Barros, 2002, p. 90), enquanto que a figurativização ainda segundo a autora, “é o procedimento semântico pelo qual conteúdos mais ‘concretos’ (que remetem ao mundo natural) recobrem os percursos temáticos abstratos” (Barros, 2002, p. 87).

Como podemos constatar na Figura 1, há a exploração de diversos temas, dentre eles se destacam: a conscientização ambiental, social, econômica e cultural. Para difundir esses temas, o evento utilizou-se das plataformas digitais (Facebook, Twitter, Youtube, Flickr, RSS, etc.), divulgando nesses meios digitais as figuras dos próprios participantes do evento, o que concretizou visualmente a interatividade entre os destinatários-sujeitos desse evento. Portanto, o que se evidencia nesse nível é o uso de figuras dos próprios participantes como

uma estratégia visual que dá veracidade ao temário do ativismo e, ao mesmo tempo, manipula os destinatários-leitores dessa *homepage* a se tornarem participantes desse movimento, isto é, induzindo-os a querer o Ov, que é um *fazer cognitivo-passional* (fazer parte de um grupo), mas que pressupõe um *fazer pragmático*: transformar sua comunidade.

Por meio da discussão desses três níveis do percurso gerativo de sentido, podemos depreender uma esquematização discursiva subjacente à superfície do texto que retoma como tema central o agrupamento de sujeitos em prol de um coletivo situado em diferentes instâncias: social, cultural, histórico, econômico, etc.

Considerações finais

Observamos, neste estudo, a partir da compreensão da página de um evento divulgado no website de Conexões globais 2.0, que a população brasileira tem atentado sobre o ativismo digital e que o número de participantes é impressionante nesta edição de 2013: 100 mil acessos online, 10 mil visitas no espaço físico, as diversas horas de transmissão, as numerosas menções em distintas

plataformas digitais, etc. Ressaltamos que tamanha adesão ao evento se deve a sua interação com as mídias digitais.

Isso se comprova pela nossa análise, uma vez que nosso estudo evidenciou as estratégias verbos-visuais arquitetadas na *homepage* do *site* oficial do evento. Nós demonstramos através do percurso gerativo de sentido de que forma foram estabelecidas as relações entre internauta-cidadão e o ambiente virtual. Assim, no nível profundo, destacamos da oposição mínima de sentido: coletivo (termo eufórico) vs. particular (termo disfórico). No nível narrativo, o objeto de valor propagado pelo destinador-manipulador-coletivo (Ov = *fazer parte de um grupo*) é compatível com o termo euforizado no nível fundamental. No nível discursivo, os temas foram concretizados pelas figuras físicas dos próprios participantes do evento, o que evidencia uma estratégia visual, na qual a interatividade das mídias digitais se emparelha com as possibilidades de trocas socioculturais entre diferentes grupos, como se pode apreender a partir da imagem no centro da Figura 1.

Assim sendo, nota-se a importância de se inserir o ativismo nas mídias digitais, expandindo, dessa maneira,

o próprio ativismo e seus valores. Os avanços da *web* possibilitaram uma maior participação de pessoas interessadas (ou não) no tema, e que anteriormente não poderiam participar de eventos como o ocorrido em Porto Alegre – RS e nem ter conhecimento sobre este. Por isso, o ativismo inserido nas plataformas digitais trouxe a possibilidade de um maior número de interessados em participar da discussão, posto que coloca em pauta temas relevantes para nossa sociedade em um ambiente interativo, no qual, ao toque de um clique, podemos concordar, discordar, reclamar, denunciar dentre outras inúmeras ações.

Enfim, o ativismo digital dá voz às nossas reivindicações, das mais ínfimas às mais virtuosas, o que fomenta a língua(gem), contribuindo para a concretização de um processo social – e, a princípio democrático – das redes sociais.

Referências:

- ASSEMBLÉIA GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos do Homem**. Adotada e proclamada pela resolução 217 A (III) em 10 de dezembro de 1948. Disponível em: <http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis_intern/ddh_bib_inter_universal.htm> Acesso em: 27 set. 2013.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria Semiótica do Texto**. São Paulo: Ática, 2002.
- BENVENISTE, Emile. **Problèmes de linguistique générale I**. Paris: Gallimard, 1966.
- _____. **Problèmes de linguistique générale II**. Paris: Gallimard, 1974.
- CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- COELHO, Patrícia Margarida Farias. **O Fetichismo na Publicidade**: Um estudo Semiótica da Campanha “Demoníaca” da *lingerie* da marca Duloren. Tese de doutorado submetida ao Programa de Estudos Pós-Graduados da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.
- _____. **Os games femininos nos celulares**: uma reflexão necessária. In: GÜERE, H. N. (Coord.). *Mobile communication 2012: Experiències i recerques sobre comunicació mòbil*. Vic: GRID Publicacions, 2012. p. 120-134
- FERRAZ, Maria Cristina Franco. Tecnologias, memórias e esquecimento: da modernidade à contemporaneidade. **Revista Famosos**. Porto Alegre, n. 27. Agosto/2005. p. 49-56.
- FIORIN, José Luiz. **Elementos de Análise do Discurso**. 14. ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.
- _____. **Linguagem e Ideologia**. 8. ed. São Paulo: Editora Ática, 2004.
- GREIMAS, Algirdas Julian; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de Semiótica**. Trad. Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Contexto, 2008.
- HARRISON, Steven; DOURISH, Paul. **Re-place-ing space**: the roles of place and space in collaborative systems. 1996. Disponível em: <http://www.ics.uci.edu/~jpd/publications/place-paper.html>> Acesso em: 27 set. 2013.
- HJELMSLEV, Louis. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. Trad. J. Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1961.
- MORAES, Dênis de. **O ativismo digital**. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/moraes-denis-ativismo-digital.html>> Acesso em: 27 set. 2013.

RHEINGOLD, Howard. **A comunidade virtual**. Tradução Luciano Matzusaki. Lisboa: Gradiva, 1996.

SANTAELLA, Lúcia. **A ecologia pluralista da comunicação**: conectividade, mobilidade, ubiquidade. São Paulo: Paulus, 2010.

_____. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

_____. **Navegar no ciberespaço**: perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

SCHOLZ, Thebor. Infranstruture: Its Transformations and Effect on Digital Activism. In: JOYCE, Mary. **Digital activism decoded**: the mechanics of change. New York; Amsterdan: IDEBATE Press, 2010. p.17-32.

SEBASTIÃO, Sônia Pedro. O ativismo like: as redes sociais e a mobilização de causas. **Revista Sociedade e Cultura**. v. 15, n. 1 (2012) Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fchf/article/view/20673>. Acesso em: 27. Set. 2013.

Lista de figuras

Figura 1

Homepage do evento Conexões Globais 2.0. Disponível em <https://www.conexoesglobais.com.br>. Acesso em 27 set. 2013.